



O Gaiato

21 DE MARÇO DE 1970
ANO XXVII — N.º 679 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Lourenço Marques

A nossa ida ao Nacional foi, como pretendíamos, a grande festa para a nossa Família de fora. Procurámos, com trabalho, é certo, levar ao palco todo o nosso carinho por aqueles que, dia a dia, nos têm acompanhado e deixar em seus corações um agrado significativo pela Casa do Gaiato. Graças à preparação cuidada pelo João, ao óptimo reforço de som que o Rádio Clube nos ofereceu e ao Conjunto Riviera que também fez o acompanhamento musical, creio que conseguimos, tal o contentamento manifestado por quantos ali estavam e a tristeza dos que não puderam. Se não fossem os problemas graves surgidos aos que estudam à noite pela falta às aulas, fariamos terceira sessão.

Desvaneceu-nos também o convite da Empresa do cinema, para serem os nossos rapazes a reabrir a sala depois de importantes melhoramentos, com convites às entidades oficiais e outras mais representativas na vida da cidade.

Nem tudo porém foi sucesso. A pouca publicidade impediu muitos de nos verem. E o vazio de certa zona da sala, na segunda sessão, denotou um desinteresse que tanto nos abateu, como anteriormente a casa cheia nos tinha animado.

As obras ditas de Caridade, seja a nossa ou quantas vivem

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

Desde há vários meses temos sido procurados por numerosos Párcos portadores de um postalzinho da respectiva Repartição de Finanças a exigir o pagamento, no prazo de poucos dias, da contribuição predial referente às casas de Património dos Pobres existentes na Paróquia.

Ora pela Circular n.º 16 de 16/7/956, (Coincidência: dia da morte de Pai Américo!) que imprimimos e distribuímos às Paróquias interessadas no Património, se comunicava que: «por despacho de 9 de Abril último de Sua Ex.ª o Subsecretário de Estado do Orçamento foi esclarecido que aos prédios em referência, e ainda que se trate de Património dos Pobres sem estatutos aprovados, devia ser reconhecida a isenção de Contribuição Predial em face do estatuído no n.º 5 do artigo 5.º do Código da Contribuição Predial, desde que em relação a esses prédios se verifiquem as condições do regulamento destas entidades, isto é, que os mesmos sejam entregues, a título gratuito e precário, aos pobres necessitados e indigentes, não se cobrando qualquer importância pela ocupação.»

Esta era a lei em vigor por que se governavam as Comunidades Paroquiais possuidoras desse «pequenino bem» (como Pai Américo gostava de chamar-lhe) para abrigo dos seus membros indigentes e carecidos de habitação condigna da pessoa humana.

Eis senão quando surge o novo Código da Contribuição Predial (1963), que mantém no n.º 3 do seu art. 7.º a isenção de contribuição predial a favor das Pessoas Colectivas de Utilidade Pública Administrativa (caso do Património), mas condicionou a mesma isenção a

Continua na QUARTA página

PATRIMONIO DOS POBRES

A subida para o Calvário continua. Os impropérios, os escarros, as opressões, as injustiças, numa constante actualização e até de uma maneira mais refinada, atingem Cristo. É a lição da Estrada de Damasco. O manso Senhor do Evangelho a todos os instantes é pregado na cruz nas pessoas dos Seus Irmãos padecentes. Nós deixamos e até contribuímos para tal. Todos participamos mais ou menos nesta renovada crucifixão com o nosso egoísmo, os nossos actos ultrajantes, ou o nosso orgulho. Instalados na vida, auto-suficientes, procuramos desconhecer as realidades ou mostramo-nos olímpicamente indiferentes ante o que se passa à nossa volta. Escribas ou fariseus do nosso tempo, quando não pretendemos sacudir, à maneira de Pilatos, as responsabilidades que nos caem sobre os ombros, lá consentimos, de quando em vez, ser empurrados à maneira do Cireneu. E é tudo. Apesar disso, julgamo-nos sempre os «bons» e aos outros é que imputamos a representação dos «maus» no filme real da vida. O que há a fazer e os exemplos salutares a praticar dizem sempre respeito aos estranhos; com o nosso «eu» é apenas a jactância palavrosa das lições «ex-cathedra».

Vem este arrazoado a propósito, neste tempo por excelência de penitência e de conversão, dos últimos Cristos aqui recebidos em Casa. Por exemplo, o pequeno Policarpo, vindo para cá com seis anos e três dias. Filho de progenitores solteiros, abandonado pela mãe, sendo o pai bêbado incorrigível, foi viver com a avó paterna, com cerca de 80 anos, e um tio tuberculoso. Esfomeado e votado ao desprezo, vivia a monte e «roubava», para comer, o que apanhava à mão. Sequioso de carinhos, como é comum a quem nunca os teve, agarra-se às Senhoras,

Continua na TERCEIRA página

Aqui Lisboa



VISTA PANORÁMICA DA NOSSA CASA DE BENGUELA.

Anda fogo em toda a cidade de Coimbra. Que bom se este fogo nunca mais se extinguísse!

Foi uma Senhora, sempre Amiga, que sentiu e aceitou o nosso apelo de aflição a pedir o recheio para a Casa nova. Com seu facho aceso, esta Senhora acendeu o facho de outras e têm percorrido toda a cidade a atear fogo. Até têm aquecido muitos que se mostravam sempre frios!

Duas destas Senhoras, no primeiro dia — tendo diante de si o tamanho da nossa casa e a tarefa grande a que se iam lançar — olharam-se mutuamente e exclamaram:

— «Nós não seremos duas inconscientes?»

Mais que inconscientes elas são loucas. Só loucura é capaz de apaixonar assim. Loucura por amor de Cristo nos irmãos. Loucura de S. Paulo, de Pai Américo e também dos Padres da Rua que se metem em tais empresas. Loucura que ama e que salva.

Têm chegado a meus ouvidos, recados de entusiasmo. Iremos ter coisas novas e boas, e tudo trará uma nota de sobrenatural.

Já me tem ocorrido o pensamento de que com o entusiasmo do recheio me deixem sozinho nos acabamentos a dever a toda a gente e com os 110 rapazes a pedir pão e o resto...

XXX

Atenção! Muita atenção! Está marcada a benção da nova casa para Lar do Gaiato de Coimbra. Será às quatro horas da tarde de domingo do Bom Pastor — 12 de Abril.

Tudo muito simples. Tudo em família. Tudo em grande família. Os nossos Bispos e Padres da Rua e todos quantos quiserem participar, reunir-se-ão à volta do altar a celebrar a Santa Missa e a dar graças a Deus.

Continua na QUARTA página

Colaboração dos Leitores

O "Famoso"

A CRUZ DA VIDA

«Venho pedir-lhe o favor de enviar o jornal «O Gaiato» para a nova direcção, pois infelizmente tive que sair da Ordem aonde era pensionista há quase 15 anos, e como fizera um grande aumento, eu não me pude aguentar, pois tenho um pequeno rendimento de uma propriedade rústica, que mal chega para todas as despesas.

Não quero que me falte a leitura desse jornal, único amparo para o meu desânimo, e que Deus me ajude a levar a Cruz da vida.»

DELICADEZA

«Não tenho coragem, sequer, para pedir desculpa pelo atraso no pagamento da assinatura de «O Gaiato», pois, segundo os meus cálculos, devo estar por pagar desde 1965. Ainda se eu ignorasse a existência do jornal, como acontece com algumas publicações, vá lá... Mas lendo eu todos os números, da primeira à última linha, é uma verdadeira vergonha!

O dinheiro não abunda nem costuma sobrar, mas por meu mal, sobra preguiça, comodismo e sobretudo desleixo.

Consola-me pensar que algumas poucas vezes em que tenho tido a maravilhosa oportunidade de ouvir a palavra dos Padres da Rua, especialmente na Figueira, tenho procurado abafar a consciência dentro das minhas limitadíssimas possibilidades.

Vou tentar, com método e ordem não deixar atrazar as minhas obrigações para com essa extraordinária OBRA.»

MAIS DELICADEZA

«Após tanto tempo sem pagar o vosso «Famoso» eis-me na obrigação de pedir desculpa por tanta demora, o que não foi por esquecimento mas por falta de iniciativa por minha parte.

Tenho lido todos os jornais cuja leitura me alegra e ensina a admirar a Obra da Rua. Brevemente partirei para Angola onde acabarei o serviço militar mas isso não impede que o jornal venha, pois os

meus pais e irmãos também o lêem com entusiasmo.»

O MESMO INTERESSE

«O vosso jornal tem despertado em mim o mesmo interesse desde o dia em que me tornei assinante.»

LEIO UMA E DUAS VEZES

«Peço me perdoe o pagamento atrasado da minha assinatura de «O Gaiato» jornal que eu leio uma e duas vezes com muito interesse.»

NÃO ME ESQUEÇO DESSES IRMÃOS

«Saúde e paz para todos os da Obra, em Jesus Cristo.

Aqui segue o vale postal para liquidar os anos em atraso, da assinatura do jornal.

Por todo o bem que infunde em nossas almas, por todo o testemunho vivo e persistente que nos oferece, tal quantia é uma ninharia, mas pode revelar-lhe que não me esqueço desses irmãos que não têm aquilo que mais valor tem para mim: um lar.»

noiva para passar bons momentos, não é evidentemente a mesma coisa que com a presença dela entre nós.

Praticamente com a sua ida, fiquei sem alguém que nos ligue ao nosso país.

Quando a mim, estou esperando que o meu apartamento fique pronto, para então me mudar definitivamente. Está demorando um pouco, mas isso é assim mesmo. Também tenho que resolver logo o meu casamento, senão caso vovô.

O Francisco está bem, mas ele certamente lhe dirá por carta.

Eu gostaria que o Sr. Padre agradecesse à D. Maria tudo o que ela fez por nós, já que muitas vezes não pudemos expressar em palavras a gratidão de que fomos alvos.»

MOÇAMBIQUE

«Não sei se já é do seu conhecimento ou não, mas como só lhe tenho escrito a dar más notícias, vejo-me no dever de lhe escrever também a dar as boas novas. Pois embora pareça mentira, acabo de ser aumentado de 3.000\$00 para 5.000\$00, como auxiliar administrativo de 2.ª classe. Demorou, mas mais vale tarde que nunca. Portanto não quero que o Sr. diga: — Este tipo também quando me escreve é só para me pôr mal disposto. Mas sim, quero que compartilhe comigo, desta minha alegria, pois não ficaria satisfeito com a minha consciência, porque sei que o Sr. também fica satisfeito.»

ANGOLA

«Hoje não vimos reclamar resposta nem protestar com os Correios. Vimos dizer-lhe o quanto estamos gratos a ELE pela fatura e desordem que eu vejo ao estender os olhos por toda a superfície da minha casa.

Há momentos que fizemos o balanço económico deste dia. Mil e seiscentos escudos que é muito menos do que vale a alegria que nos enche a alma. ELE esteve sempre connosco; talvez figurado na «pafúncia».

Houve risos, bonecas, «peúgas» (no meu sapato) e até choros de alegria ao ouvirmos as nossas gentes a falarem do Porto.

O Natal é bom afinal. E, se não fosse por mais, valia só pelo renovar de consciência e bondade que invade o coração dos homens.

O nosso desejo é que o Menino lhe tenha dado muito, mas, se não chegou para encher o coração como merece, aí vai um pedaço do que transborda dos nossos.

O Menino a nós, contemplou-nos uns tempos antes com a notícia de um mano para a «pafúncia» que, se Deus quiser, vai nascer Metropolitano.

S. Tiago do Infulene e Bissau não ficaram esquecidos. Quiseram mandar tanto em matéria como foi em amor.

É já noite alta. Estamos felizes e cansados. Vamos ao descanso a dar muitas graças a Deus pela alegria que nos enche, até que o sono não deixe mais. Não esquecemos o homem que em nome DELE procura ver em cada um dos seus filhos um Natal, para que o Céu seja maior e no mundo, não haja rapazes maus.»

Correspondência de Família

AUSTRÁLIA

«Há já um momento que estou sem dar notícias mas, por muito desmazelo que haja, esta data não pode passar.

Em meu coração o Senhor está mais aproximado do que nunca: sempre o estive; mas a distância que nos separa neste momento, dá-nos um relembrar de todos os momentos que passámos, bons e maus, com vontade de mais um abraço sincero de saudade próprio da quadra de — FAMILIA.

No que respeita ao meu progresso profissional estou OK. pois já deixei de ser LABOURER para passar a DRIVER numa máquina dentro da mesma fábrica onde comecei. Tenho no entanto que lutar com a grande dificuldade da língua;

mas como vou compreendendo bastante bem e os chefes graças a Deus são meus amigos pelo meu exemplo de trabalho, deram-me esta mão, com promessa de mais, assim que falar melhor a sua língua. No progresso de família arranjei esta casa mesmo à nossa ideia Gaiata: uma casa para cada família. Fica-me um bocadinho dispendiosa para já, pois pago 20 dólares por semana mas, com um pouco de cabeça! a coisa vai e estou contente. Para a próxima devo mandar a foto dos rapazes.»

METRÓPOLE

«Logo que o R. chegou e me disse que «nos» tinha lembrado

ao Senhor, quase tive vontade de chorar de alegria, chorar de saudade e por fim chorar de tristeza. Recordei tudo e todos os meus passos dentro desses portões. Senti uma necessidade de recuar uns anos e fazer um exame de consciência àquilo que fui e àquilo que irei pedir ao meu filho que seja. Assim fiz na hora do batizado e igualmente agradei ao Senhor por me ter permitido viver até esta altura para me dar um filho tão belo, tão perfeito! É muito lindo o meu filho! Eu não o merecia! Acredite que não o merecia! Quantas vezes ele está no bercinho, em silêncio o contemplo. Ele fez-me acreditar com mais veemência no Omnipotente e na Sua Omnipotência.»

BRASIL

«É mais uma vez com muita alegria que lhe escrevo, mas ao mesmo tempo triste, por a D. Maria ter-nos deixado, e apesar de eu ter a família da minha

Inquietação Sacerdotal

«Fui a primeira e única vez a essa Casa de Paço de Sousa há muitos anos já, com todos os colegas do arceprelado. Foi desde então que comecei a assinar «O Gaiato» que sempre li e apreciei. Quanto à esportula fiquei sempre insatisfeito por não ser abundante como devia, mas conforme as minhas possibilidades, sempre na expectativa de melhores dias. Agora, há cerca de oito anos, com doença coronária grave na mi-

nha casa, onde celebro, graças a Deus, em oratório doméstico, ainda desta vez não posso mais. E como o óptimo é inimigo do bom, aí vão 100\$00 para o «Famoso», como lhe chamam e muito bem, e mais 20\$ para me dizerem que receberam e quanto custa a colecção completa dos livros publicados, porque embora só leia aos poucos devido à minha doença, ainda queria possuí-los para os ler.»



Carta de BENGUELA

VISITAS — Estiveram entre nós por dois dias, os nossos padres do Calvário e de Malanje. Foi uma alegria para todos tornar a vê-los e abraçá-los, tanto o nosso padre Batista como o sr. padre Telmo. Admiraram o quanto temos progredido com as nossas obras e aproveitamento de terrenos agora cultivados.

«Que lindas são as vossas escolas», disse o nosso padre Telmo. E adiantou: «mas as de Malanje não ficam atrás». Sr. padre Batista era o mar que o extasiava. «Tóca a aproveitar, que fenómeno; destes, tomar banhos de praia em pleno Janeiro, não existem lá pelos lados do Calvário».

Lá seguiram os dois para os seus destinos, Padre Telmo levou a Toyota carregada de trabalhos em ferro feitos na nossa serralharia para a Casa de Malanje; Padre Batista, queria que lhe arranjassemos um cantinho aqui para ele. Gostou do Cavaco, mas nós sabemos que gosta muito mais dos seus doentes e do Calvário.

Saudades para os dois, de toda a malta.

OBRAS — Depois de prontas as escolas, já está nos alicerces a primeira casa de habitação, ou seja uma das que se destina a dormitórios. Será de dois pisos, e vai ser um belo edifício. A nossa Aldeia vai tomando forma! É a sexta construção, e todas de grande porte. Quem viu isto há cinco anos tudo por desbravar, e hoje repara no que está feito, fica espantado e diz: Como foi possível? Não sabemos, ou melhor, sabemos sim. É o Bafo de Deus no coração dos homens de boa vontade.

ANIVERSÁRIO — «O GAIATO» faz anos. Eu em pequeno também. O vendi muito em Lisboa e praias nas linhas do Estoril e Cascais. «O GAIATO» sempre se vendeu bem, mas o número de aniversário, ou porque vinha a duas cores, ou porque Pai Américo o alindava sempre com os seus escritos naquela inconfundível maneira de dizer as coisas, o certo é que o jornal de aniversário

voava; é o termo. Certa vez em plena praia do Estoril ofereço o jornal a um indivíduo que, depois de o mirar, me pergunta que jornal é e o preço; «O quê dez tostões e tão pequeno?! Ora, ora! Compramos é o «Diário de Notícias», que é muito maior e traz palavras cruzadas» Mas o sujeito lá reparou melhor no jornal que eu lhe estendia e disse: «Ah! vem de vermelho!» Bem, sempre vou ler isso. Ó Josefa dá cá dez tostões». Era jornal de aniversário. Pegou nele porque vinha de cara rosada de vermelho; até nem era vermelho, mas cor de laranja. E quem sabe se depois de o ler não ficou comprador assíduo? E quem sabe ainda o bem que lhe fez? Vinha a duas cores. O Júlio, em Paço de Sousa, ultimamente tem feito pouca festa; mas, fazer anos, implica sempre despesa. Portanto, festa é festa; combina e veste fato novo ao nosso GAIATO que está de parabéns.

A NOSSA VIDA — Chegou alguém e perguntou pelo sr. Padre. — Não está, disseram-lhe, foi ao Lobito levar um carregamento de banana.

— «Quantos rapazes estão cá», tornou a perguntar. Cento e tal, foi a resposta. — E então quem governa, uma vez que o sr. padre não está? — Todos se governam; cada um tem o seu serviço e suas obrigações a fazer.

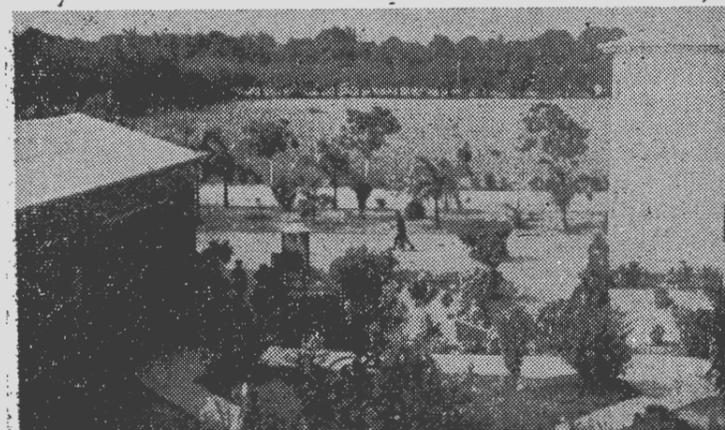
Interessante diz o senhor que percorreu a casa, visitou oficinas e todas as dependências da Aldeia. Viu tudo em seus trabalhos. E admirou até a normalidade como tudo decorria. A nossa vida é o trabalho, desde o mais pequenino ao maior; até o nosso padre dá o exemplo. «Está para o Lobito com um carregamento de banana». Outros ficam admirados de o verem ao volante do trator, e outros trabalhos. Quem pensa o que é a vida de um Padre da Rua? E as cento e tal vidas que lhe estão entregues? Um pai de família que tenha cinco filhos quantos problemas tem em casa? O nosso padre tem cento e tal filhos! Quem pensa o que é a vida de um Padre de Rua? Só por amor se compreende. Só por amor se acredita. Ainda agora anda de coração ferido por dois mais crescidos que desertaram. Tem andado doente. E olha pouco pela saúde. Mas nem assim

vira a cara ao trabalho — «está para o Lobito com banana». É fim de mês e tem facturas para pagar... Quem pensa o que é a vida de um Padre da Rua? Nós, rapazes, só tarde infelizmente os conhecemos. Mais vale tarde que nunca. E, então, reconhecemos o quanto lhes devemos e por isso lhes queremos muito. É pena, por vezes, sermos mesquinhos e fracos! Os mais velhos têm de ver as coisas com olhos de ver, para além de todas as ambições de cabeça vã. Saibamos merecê-los. Pois consomem-se por quantos o Senhor lhes confiou: Nós!

Américo dos Santos

Visado pela

Comissão de Censura



UM RECANTO DA NOSSA CASA DE BENGUELA.



Cont. da PRIMEIRA página

aos Rapazes e a nós de uma maneira nunca vista. Tendo encontrado caldo certo e a horas, apesar disso, mantem-se sófrego e a todos os instantes quer comer. O resultado é o destempero amiudado dos intestinos e o conseqüente banho... Reações psíquico-motoras reveladoras de atraso evidente, apesar de informação médica oficial em contrário; deficiência física natural e com uma boca, à chegada, como um antro de podridão; fala pouco desenvolvida; sinais de falta de integração em meio social normal. Eis um **Cristo**, de tenra idade, com uma cruz bem pesada às costas, em pleno século XX. E ainda nós nos queixamos às vezes, com outras forças e recursos, por suportarmos uma palha aos ombros!

Nesta quadra em que rememoramos a Paixão e Morte de Jesus, não esqueçamos os sofrimentos de muitos dos nos-

so Irmãos, frutos dos nossos crimes, esquecimentos ou demissões. Pela parte que nos toca, para lá dos nossos pecados e limitações, vamos procurando dar a vida por estes pequeninos Crucificados, amando-os até à exaustão, mesmo que amanhã venhamos a beber o fel da ingratidão. Outros esperam que lhes demos a mão. Se és livre, com saúde e forças, sacerdote ou leigo, homem ou mulher, vem também trabalhar nesta vinha do Senhor. Vence o teu egoísmo e deixa as quintas, as bodas ou os bois que te enleiam. Se não podes ou não queres dessa maneira, ainda que com óbulo da viúva, não te arrependas de aligeirar a nossa cruz, função daquelas que queremos ajudar a transportar, auxiliando-nos a erguer a Aldeia em construção, lugar que queremos de ressurreição para muitos e de salvação para todos nós, obreiros de dentro e de fora.

Padre Luís



Do que nós necessitamos

De Lisboa, um cheque de 10 contos, dum senhor Engenheiro amigo e carta que diz:

«Aqui vai uma pequena contribuição para a grande Obra em que estais empenhados (que é minha, também).»

Que o Senhor vos dê muitas forças para continuarem a levar a cabo tão sublime missão. Um irmão em Cristo.»

Bem haja, Irmão.

Sempre que passamos pelo Espelho da Moda, é uma carapuçada de pacotes, donativos e muitas coisas mais que de lá trazemos. E ainda há os que, passando pelo nosso Lar, na Rua D. João IV - 682, batem à porta e deixam suas migalhas.

«Obra de Deus, para os Pobres», com os 40\$ do mês. De Espinho, 600\$00. De Lourenço Marques, 100\$00 para o nosso Natal. Valadares com 100\$. E 140\$00 do Porto. Uma Universitária com 200\$00, pedindo a protecção do Senhor, na continuação dos seus estudos. Mais 50\$. E o ass. 24169 com 100\$. Do Grupo «Os 20 Estrelas de S. Lázaro», 494\$00. De duas irmãs residentes em Guanabara, o donativo de 7.500\$, chegado às nossas mãos por intermédio do Sr. Inspector Correia da Silva. Mais 1200\$00 do Porto. Uns brincos e 20\$,

vindos de Espinho. Amiga do Henrique, com 223\$50. E 5000\$, produto da venda dum casaco de peles.

O ass. 16.247, com 1.000\$00 e, «De regresso de mais uma comissão de serviço no Ultramar, aqui estou com a habitual participação em acção de graças por ter chegado bem, com a consciência do dever cumprido e ter encontrado a família igualmente bem».

Amigo do Canadá, com 500\$. Pároco amigo, com 100\$, acabados de receber e destinados a «uma Obra em que julgue são bem aplicados». Por alma de José Gomes de Abreu, 100\$. Do Porto, 54 pares de peúgas. Calçado do ass. 33563. E num saquinho engraçado, 126\$, em cumprimento duma promessa. Valadares com 100\$00. 8 pacotes com Biotex. Lisboa - 2 com os 50\$00 mensais. De Oliveira de Azemeis 20\$00. A oferta anual de 6 lençois, vindos do Porto, da Rua Costa Cabral. M. H. com 100\$00. Mais Coimbra com 20\$00. E 3 meses de abono, da filha de «um casal muito amigo», que nos habituámos a ver nesta coluna.

581\$, migalhas colhidas na visita que Professores e alunos da Escola do Magistério Primário do Porto, nos fizeram há dias. Como me alegrou a vossa juventude e sã camaradagem!

Vários aumentos de ordenado, cujo benefício reverteu a favor da nossa Obra. Ass. 1828, com 150\$00. Anónimo com 700\$00. E de Rio Maior, 500\$. Pedindo uma prece por alma de seu Pai, «Portuense qualquer», envia 200\$00, também dum aumento de vencimento. 50\$00 de Valbom. Assinante de Espinho, com 100\$00. De Rio Tinto, 40\$00. Da Murtosa, 50\$. Cumprindo uma promessa, 500\$ de Aveiro. E de pessoa amiga, do Consulado da Dinamarca, em Matosinhos, selos e 1.160\$. Um vale de 500\$00 e mais 20\$, de duas criadas de servir da Figueira da Foz, cujo amor pelos nossos rapazes, não tem limites. Deus as ajude.

E de Manuel D. Poças Júnior, L.da, uma caixa sempre esperada com garrafas de vinho do Porto. Esta firma amiga nunca nos esquece em datas festivas. Lençois vindos de Lisboa. Roupas da América. Assinante do Porto, com 50\$00. E cá vão os 75\$00 mensais, em selos, da Amadora. Promessa de 750\$00. Famalicão com 40\$00. De Tomar, migalhas mensais de 20\$00. Novamente 20\$00 de Valbom. 150\$00 de Algueiros. Assinante de Rio Tinto, com os 100\$00 do costume. Anónimo com 100\$00 de promessa. Anónimo com 20\$. Da Mealhada, 50\$00. O já conhecido E. D. M., com a habitual nota de 20\$00. Ass. 16264, de Braga, com presença sempre amiga. E o muito que recebemos e não foi possível anotar. E mais nada.

Por tudo, graças a Deus.

Manuel Pinto

Cont. da PRIMEIRA página

e se mantêm mercê dum esforço e tenacidade, modestos embora, mas honestos a toda a prova, não granjeiam facilmente a alma de certos sectores sociais.

As atitudes demasiado mendicantes de quem trabalha nestas obras tornaram-se roncadoras, desactualizadas e impotentes para mover inércias; aceitáveis apenas como súplica

Lourenço Marques

à piedade alheia que é, de si mesma, em matéria social, uma falsa e às vezes ridícula virtude.

Como foi dito no fim do nosso encontro, naquela bela tarde de sábado, os nossos rapazes são crédores, não de

piedade mas de amor, tão necessário como justo. Não falo de cor. Não são tantos que seja difícil uma pequena estatística: Entregues pelo Tribunal de Menores e envolvidos em delinquência infantil — quatro; filhos de mulheres de quem a sociedade se serve sem olhar a desgraças — dezassete; filhos duma orfandade executada perante os próprios — seis. De trinta e dois só um tem pai e outro mãe que mereçam tal nome.

Porque hoje têm uma família adoptiva que afiança o seu sustento e educação não deixam de ser crédores de atitudes de justiça social, mas não de piedade mal entendida.

Padre José Maria

Nota da Redacção

Da Africa do Sul, chegou-nos esta voz portuguesa, que não resistimos a publicar:

«Deus é muito meu amigo. Deu-me o prazer de ir a Lourenço Marques ver os seus rapazes representar. Gostei tanto. Já não tinha esperança de ir e na sexta-feira à noite apareceu-me um vizinho sul africano da família a dizer que ia a L. Marques no sábado e vinha no domingo. Pedi-lhe boleia e lá fui com eles. Cheguei a L. Marques ao meio dia. As 3 h. lá estava onde ia ser o teatro. Levei 3 sobrinhos que deliraram. Tudo ria às gargalhadas. Quando comprei os bilhetes, diz-me a sobrinha mais velha: « ò tia, 4 bilhetes a 22\$50 fica-lhe caro». Eu disse-lhe: «Não faz mal, ainda hei-de dar mais à saída e faço-o com muito gosto».

Estava a vê-los representar e disse muitas vezes a Jesus: «Obrigado por me dares esta alegria».

Oscar — Não tínhamos nenhum com este nome. Chegou há dias. Tem 6 anos. É do Algarve. Tem pai e tem mãe, mas era a receita da avó: Andava a pedir. Daí uma especialização de que logo deu boas provas.

Chegou um sábado de manhã muito cedo ao nosso Lar. Cara suja, gorducho — todo ele uma vida que precisa de Vida. Os mais velhos deram-lhe banho em água quentinha, mudaram-lhe de roupa, e deixaram-no na liberdade de saltar, ver e contactar com tudo e todos.

O bom e o bonito foi à hora do almoço. A Senhora do Lar deu pela falta do Oscar. Houve bulício. Em casa não estava. Fomos procurá-lo e avisámos as autoridades. Ao anoitecer recebemos telefonema de família para onde ele tinha sido arrastado ao sair da nossa porta aberta.

Estávamos aflitos e a notícia deu brado de júbilo em todos nós.

«Estou na casa dos meninos do Snr. Padre que tem óculos» — assim se denunciou. A espartezta, a escola que traz da pedincha com a avó, dizem-nos que o Óscar quer ser um homem. Ele tem reflexos de bravo, mas queria que o vissemos hoje junto com os outros aqui ao pé de mim! Nem parecia o Óscar da semana passada!... O amor é remédio para «fazer das pedras, filhos de Abraão».

x x x

Por falar em pedras. Ontem apareceu na oficina um sacerdote que me disse admirar-se como se transformam aqui essas pedras vindas da Sociedade morta e do valor do Padre Américo. Disse-lhe desse valor — esforço do humano ao chamamento do Divino.

Perguntou da «matéria-prima» que trabalhamos — muito. Depois falou da educação sobrenatural e eu entrei a fundo nos problemas da nossa Obra e disse o sentir de Pai Américo:

«Pôr a Mesa, chamá-los, e se eles não vierem, choremos os nossos pecados.»



A Vida Sobrenatural é tanto mais eficaz para os que a querem, quanto maior fôr o esforço de quem na quer incutir e mostrar com valores vividos.

Deus é vida em cada um de nós: Por isso só amamos se esse amor for mostrado através da vida que transmitimos aos outros, sejam eles quem fôrem. Deus é Vida, e ela está em nós. A Ressurreição só era para nós se nos esforçamos por incutir Vida nos outros. Os púlpitos não podem esquecer o mexer das pernas e dos braços juntos com o coração para que quem tem fome tenha de comer, quem vive numa barraca possa ter uma casa digna de um ser humano. A época é dinâmica — e tem que ser em acção que se mostra Deus. Ele é a Justiça, a Verdade de que o mundo precisa.

x x x

António João chegou. Ele é da classe dos «Batatas». Por via de doença houve que o internar no Sanatório do Outão.

Recebemos recado para ir por ele, e fomos buscá-lo. Chegou com muitos mimos que as mães do Sanatório lhe deram — Cristo vive ali. Era sábado à tardinha quando António João chegou. Todos quizeram vê-lo. Os meus filhos queriam, à viva força, ir debaixo de chuva à «casa grande» ver o Tó João. No dia seguinte, vi a procissão destas almas pequeninas que nos dizem como devemos fazer para agradarmos a Deus. Eles dão-nos tantas lições que nós por vezes nos sentimos mais regenerados do que regeneradores — a Salvação vem deles.

Ernesto Pinto

Conti. da PRIMEIRA página

Não há convites. Não há estranhos. Não há indiferentes. Todos quantos se consideram amigos da Obra do Padre Américo devem estar presentes. Assim seremos, de facto, uma família grande. Uma família autêntica.

Consta-me que há Senhoras que trazem uns bolinhos, etc.. Se trouxerem, nós comemos. Deus permita que, depois da reunião à volta do Altar do Pão para a alma, nos possamos também reunir para comer o pão para o corpo. Seria um bom convívio.

Deus queira que a inauguração da nossa casa em Coimbra, seja um ágape cristão.

xxx

FESTAS — Cada vez me vejo mais sem saber para onde me virar. Os rapazes querem também que eu me entusiasme pelas festas. «Olhe que falta pouco mais de um mês!» Sim senhor. Têm razão. Tenho de tirar um bocadinho também para as festas.

Depois de arrumada a casa de Coimbra, que é na véspera da Festa no Avenida e a festa no Avenida é a primeira da nossa conta directa, será a romaria das festas: Figueira, Leiria, Tomar, Castelo Branco, Fundão, Covilhã e outras terras que nos queiram receber; e esperamos acabar em Coimbra.

Na próxima se Deus quiser, daremos mais notícias.

Padre Horácio

EM ABRIL

DIA 13

às 21,30 h.

Teatro Avenida - COIMBRA



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

DIA 15

às 21,30 h.

Casino da Figueira da Foz

DIA 17

às 21,30 h.

Teatro Lúcio da Silva LEIRIA

DIA 20

às 21,30 h.

Cine Teatro de Tomar

DIA 25

às 21,30 h.

No Salão dos Bombeiros Cantanhede

EM MAIO

DIA 2

às 21,30 h.

Teatro Cine Pombal

DIA 9

às 21,30 h.

Império Cine Teatro Lousã

Património dos Pobres

Cont. da PRIMEIRA página

despacho do Ministro das Finanças. Pensei que aquele novo condicionalismo seria aplicável apenas às Entidades a quem ainda não tivesse sido reconhecido o direito a tal isenção, pois que, se dele beneficiavam e tinham titulo para continuar beneficiando — quem duvidaria do seu desejo de que sim?!

Pois não foi esse o critério. Haveriam velhos e novos, de voltar com o papelinho selado na mão a requerer o respectivo

direito. E foram estabelecidas normas internas para fixar prazo dentro do qual os requerimentos deveriam ser apresentados para que a isenção reconhecida ao abrigo da lei anterior não sofresse solução de continuidade.

Tudo previsto, como se vê... Simplesmente o cidadão pagante não sabe destas coisas e só dá conta da novidade à vista do citado postal exigindo o pagamento do imposto.

Uma rasteirinha, porquanto, ainda que a partir daquele momento se peça a aplicação

de um direito que a lei confere, do próximo passado em dívida, mesmo que se requeira a dispensa de pagamento, nem resposta vem — que foi o que nos aconteceu a nós, que cáimos em um pouco mais de 10 contos. Pai Américo diria: uma comedela!

O que hei-de eu responder aos Párocos que me aparecem, sem possibilidades de pagar a conta-surpresa?!

— Dar-lhes do que nos dão para construir casas (que, como as deles, hão-de ser feitas de «migalhas» e sem qualquer receita que garanta, no futuro, a sua conservação)?...

— Dizer-lhes que se não podem, não paguem?...

Que hei-de eu fazer?...

Quem dera o Senhor Secretário de Estado do Orçamento saísse com um novo despacho igual ao de 9 de Abril de 1956, sanando de vez esta burocracia, nada «a bem da Nação»!